



EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E CULTURA DIGITAL: reflexões para hoje e os próximos futuros

EDUCATION, MEMORIES AND DIGITAL CULTURE: reflections for today and the next futures

Vani Moreira Kenski ¹

CITATION

Kenski, V. M. (2023). Educação, memórias e cultura digital: reflexões para hoje e os próximos futuros. *Video Journal of Social and Human Research*, 2(1), 35-44. <https://doi.org/10.18817/vjshr.v2i1.23>

SUBMITTED

08/05/2023

ACCEPTED

12/06/2023

PUBLISHED

27/07/2023

DOI

<https://doi.org/10.18817/vjshr.v2i1.23>

AUTHOR

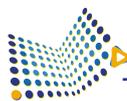
¹Doutora em Educação. Diretora da SITE Educacional. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora e autora de livros e artigos sobre Educação e suas relações com a cultura digital.

RESUMO

A complexidade e amplitude apresentadas pelo trinômio – educação, memórias e cultura digital – extrapolam os limites desta breve reflexão. A urgência de tratar do tema, no entanto, me encaminha para primeiras aproximações para melhor compreensão dessas relações na contemporaneidade e nos próximos futuros. O tema, ou melhor ainda, esses temas, unidos ou separados são relevantes. Eles me provocam e me fascinam de formas distintas há algum tempo. Diremos, décadas. Desde o início dos anos 90 do século passado tenho pesquisado e produzido publicações sobre as transformações ocasionadas pelas mídias nas relações entre memórias e educação. A memória individual é parte essencial do processo de educação que permeia todos os momentos de nossas vidas. Define nossos conhecimentos, lembranças, hábitos, paixões, valores e movimentos pessoais. Nossas escolhas em cada época são sempre mediadas pelas memórias que temos do que já vivemos, aprendemos e valorizamos, ou não. Escolas são instituições de memórias culturais, definidoras das nossas formações. Elas se pautam pelos valores, construções e práticas históricas e sociais características de cada época. Assim, o privilégio de acompanhar o progressivo e ágil processo desencadeado pela incorporação massiva dos meios digitais em nossas vidas e na sociedade, nos leva a considerar a urgente necessidade de compreender essa nova realidade em que a memória se articula com a cultura digital e a educação na atualidade e nos próximos futuros.

Palavras-chave: mídias digitais; formações; escolarizações; comunicação ubíqua; sociedade digital; memória virtual.





ABSTRACT

The complexity and range presented by the trinomial – education, memories, and digital culture – go beyond the limits of this brief reflection. The urgency of dealing with the subject, however, leads me to first approximations for a better understanding of these relationships in contemporary times and in the near future. The theme, or better yet, these themes, however, united or separate are relevant. They have teased and fascinated me in different ways for some time now. Shall we say decades. Since the beginning of the 90s of the last century, I have been researching and producing publications on the transformations caused by the media in the relationship between memories and education. Individual memory is an essential part of the education process that permeates every moment of our lives. It defines knowledges, recalls, habits, passions, values and personal movements. Our choices in each era are always mediated by the memories we have of what we have lived, learned and valued, or not. Schools are institutions of cultural memories, defining our formations. They are guided by the values, constructions and historical and social practices characteristic of each era. Thus, the privilege of accompanying the progressive and agile process triggered by the massive incorporation of digital media in our lives and in society, leads us to consider the urgent need to understand this new reality with which memory is articulated with digital culture and education. now and in the near future.

Keywords: digital media; formations; schooling; ubiquitous communication; digital society; virtual memory.

MEMÓRIAS E CULTURA EM MOVIMENTO NO DIGITAL

Inúmeras são as memórias que permeiam nossas vidas. Múltiplos também são os percursos em que as relações entre memórias e educação acontecem. Memórias e cultura, sobretudo a cultura digital, é tema fértil para pesquisas, análises e tentativas de compreensão das fugidias dimensões dessas relações.

Aplicativos e meios digitais atuais incorporam a memória – pessoal e social – em seus acervos e, com elas, definem nossas preferências, escolhas, lembranças, valores. Sem perceber, nos encontramos em uma era em que nossas memórias são dinâmicas, sempre atualizadas e compartilhadas com meios digitais que, paradoxalmente, nos possibilitam a agilidade da lembrança mediada e do exercício contínuo do esquecimento. A multidimensionalidade garantida pela comunicação digital ubíqua e pervasiva, supera os limites de tempo, espaço e nos coloca em outras dimensões em que passado, presente e futuro se encontram.

O processo digital invade nossa privacidade e nem consideramos seus riscos e benefícios. Conectados ou não, nossas ações são rastreadas por câmeras, bots e diferenciados tipos de aplicativos digitais. Os dados coletados são armazenados, incorporados, quantificados, analisados e produzem algoritmos, que, como diz Lemos (2021), atuam como inferências em nossas vidas e na cultura, nos mais diversos domínios. Imersos nas redes, desconsideramos o uso indiscriminado dos nossos dados e nem cogitamos saber sobre os processos a que somos expostos e submetidos. Dispositivos em permanente evolução nos conectam o tempo todo com o mundo vivencial e digital. Orientam nossas ideias, crenças e comportamentos.

Redes móveis nos situam nos mais distintos espaços, ao mesmo tempo. *Analytics* examinam os registros digitais de nossas ações, movimentos e interações. Geram informações e definições de caminhos que se antecedem aos nossos pensamentos, nossos



desejos e os orientam. Inteligências digitais que se insinuam em nossas vidas e nos objetos que nos rodeiam e informam individual e socialmente sobre o que aspirar, o que fazer, o que lembrar e o que esquecer.

Na atualidade, o digital assume múltiplas e complexas funções da memória. Com isso, mudamos nosso espectro e nos tornamos híbridos. Nossa memória, assumida como função do digital, já não nos pertence integralmente. Como dados, ela orienta induções sobre o que somos, o que desejamos. Como acervo, ela se reúne a incontáveis dados sociais. Massa crítica para a definição de tendências, processos, atitudes ou, de forma bem ampla, cultura. Cultura digital que orienta decisões, identifica tendências, mostra caminhos e escolhas. Como dizem Cover, Haw e Thompson (2022), práticas culturais cotidianas de comunicação digital são centrais na vida contemporânea. Uma nova cultura digital em permanente mudança e expansão.

Já em 2018, no Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de Educação a Distância (MILL, 2018), no verbete sobre Cultura Digital, dizíamos que “[...] a Cultura Digital é prioritariamente virtual, acessável pelas interfaces que posicionam o usuário em tempos e espaços distintos dos em que seus corpos físicos se apresentam[...]” (p. 141). Destacamos ali, o caráter disruptivo dessa Cultura Digital que, em muito pouco tempo, se transformou integralmente para garantir novas possibilidades ubíquas e integrar a esfera on-line com espaços e momentos off-line, criando percepções e sentidos. Lembrar passa a ser também uma ação digitalmente mediada. Uma prática de interação com pessoas, dados,

entes humanos e tecnológicos dispersos por todo o mundo e acessáveis a qualquer instante, de qualquer lugar. Uma nova cultura digital em permanente movimento.

A disseminação ampla de objetos digitais de comunicação e informação transforma rapidamente as práticas cotidianas e as formas como as pessoas pensam, sentem e se comunicam. As mudanças ágeis do digital replicam na vida das pessoas e dão origem a novos valores e comportamentos, disseminados pelo social. A ampliação do uso de tecnologias móveis cada vez mais potentes e competentes cria oportunidades para o surgimento de novas práticas de interação, comunicação e acesso ao conhecimento.

Cultura em permanente transição que se apresenta não mais em paralelo com o nosso viver analógico. Ao contrário, a integração entre os dois âmbitos da cultura analógica e digital é real. A ágil transição evidencia a supremacia do digital em nossas lembranças, no acesso e manipulação do conhecimento e em múltiplos aspectos de nossas vidas. A atualização da compreensão da cultura digital é acompanhada pelas novas formas de considerar a memória pessoal e social.

Estudos recentes enfatizam a natureza dinâmica, preditiva e performática da memória na cultura digital. Neste sentido, o ato de recordar é também uma atividade interpretativa no qual o sentido do passado é negociado e atualizado.

Memória como um jogo de poder e normatividade, definido pelas interações e uso das ações, práticas, ideias, lembranças nos BigData, moldam nossas comunicações



e interações. Novas práticas de lembrar digitalmente mediadas pautam nossa imaginação, nossas narrativas, a capacidade de recuperar o passado ou imaginar futuros alternativos.

A concepção de memória na cultura do digital mudou muito nos últimos 20 anos. As relações entre a materialidade das memórias, a memória individual e coletiva, privada e pública se descolaram de objetos, imagens gráficas, telas, textos, monumentos e espaços representativos e migraram para o digital. Mesmo assim, a rápida obsolescência dos equipamentos provoca o descarte das memórias. Amnésias pessoais, históricas e culturais do passado deturpam as lembranças e criam fantasias e negações sobre acontecimentos. O imaginário e a presentificação de interpretações do passado levam muitos autores a considerarem os riscos culturais, sociais e educacionais dessa “Sociedade do Esquecimento”.

A desmaterialização da memória, a referência distorcida do passado, a negação, a desconsideração das culturas ancestrais, o consequente esquecimento progressivo das origens, as releituras e manipulação de fatos relevantes (como o Holocausto, a ditadura militar no Brasil, e tantos outros...) são questões da memória que se refletem na atualidade e preocupam.

Nossa identidade cultural e social se dissolve no digital. Este é um dos pontos, e não o único, que nos ligam à relevância da Educação nas relações com a Memória e a Cultura no digital. Hoje e nos próximos futuros.

A EDUCAÇÃO É ESSENCIAL NA CULTURA DIGITAL

Neste novo espaço ubíquo de viver, a educação também se realiza e transforma. Nas relações com a cultura e as transformações ágeis do digital, a educação amplia sua importância e segue em caminhos diversos e inovadores. O fluxo veloz que orienta a cultura do digital precisa da educação para continuar seu caminho de inovações e transformações.

Assim, consideramos essencial a função da educação para viver o digital. Ela atua na perspectiva ampla do termo “Educação”, como forma permanente e vivencial de aprender e sobreviver nas mais distintas culturas, em todos os tempos e espaços. Educação como movimento pessoal e coletivo de aprendizagem e transformação constante. Movimento que requer interação e avanço contínuo nos conhecimentos já disponíveis e suas transformações.

Conhecimentos adquiridos na e pela educação são efetivos para que novos saltos tecnológicos aconteçam. Processos de atração, distanciamento e criação disruptiva em relação ao conhecimento já instituído não se dão no vazio. Avanços tecnológicos exigem o domínio da informação e a compreensão de ações fundamentais que a Ciência e a Educação conseguem oferecer por meio do ensino, estudos, pesquisas e consequentes saltos epistemológicos, avanços na compreensão, descobertas científicas... Aprendizagens.

A distinção maior não está na compreensão da importância da educação na cultura digital. A preocupação maior ocorre



com a desigualdade das dinâmicas entre a cultura da educação escolar e a cultura digital.

A educação escolar (de todos os níveis) possui cultura própria que a retroalimenta. Esta cultura é essencialmente analógica, gradual, fragmentada, definida, política e burocraticamente por meio de espaços, tempos e formatos de ensinar para um projeto de mundo estável e previsível.

Por outro lado, a educação processada na cultura digital é aberta, ampla, pontual e contempla, sobretudo, maneiras informais de acesso às informações. É dinâmica e disruptiva, sempre em movimento e mudança. Educações, no plural, orientadas para aproveitar ao máximo de cada nova possibilidade ou inovação, mesmo sabendo da finitude das soluções.

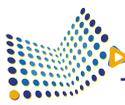
Ao compreender essas duas culturas – escolar e digital – como forças paralelas que circulam em torno dos mesmos sujeitos, parece evidente a necessidade de potencializar este ser, humano, para habitá-las e considerá-las em suas singularidades. Que este convívio compartilhado possa garantir a cada um e a toda a sociedade, o melhor que tenham a oferecer, hoje e nos próximos futuros.

Assim, cabe aos diferenciados tipos de ensino formal buscar acompanhar as mudanças no digital. A cultura da escola de todos os níveis, que também integra a cultura vivencial de cada época, precisa compreender a cultura do digital e contribuir para melhorá-la. Estar ciente de seu papel político e social de ensinar e formar cidadãos e profissionais para todos os possíveis, de acordo com as necessidades de cada contexto.

A transformação gradual da educação escolar para atender às necessidades da nova realidade social engloba tempos, espaços e processos diferenciados de ensinar. Novas gerações chegam aos espaços escolares em condições de acesso e uso dos mais diversos meios digitais e, para isto, nem precisam estarem alfabetizadas. Não sabem ler ou escrever, mas se comunicam e usam com habilidade diferenciados aplicativos. Vulneráveis, se abrem ao digital para aprender com o entusiasmo que nós, professores, gostaríamos que tivessem diante dos desafios do ensino escolar.

Essas novas gerações e todos os escolarizáveis não precisam tanto que as escolas lhes forneçam conteúdos, os mesmos que podem ser acessados digitalmente. Precisam ser educadas para ir além das informações e práticas que vivenciam e manejam nos aplicativos e plataformas digitais. Precisam de valores pessoais e sociais. Precisam de compreensão das diferenças pessoais, sociais, culturais e históricas, em sentido amplo. Precisam de uso amplo da comunicação de sentidos e compreensões, do raciocínio compartilhado, de análises críticas e contextualizadas.

Escolas abertas para o exercício pleno da cidadania, respeito e inclusão no contexto cultural, econômico e social da contemporaneidade. Uma nova educação, complexa e crítica, que vá ao encontro dos aprendizes para que possam seguir adiante, como pessoas e como cidadãos. Paradoxalmente, a cultura do digital liberta os aprendizes da necessidade de aprender conteúdos cristalizados para que possam



ir além. Como diz Floridi (2015), repensar e desenvolver novas formas de educação estão certamente entre os desafios mais emocionantes do nosso tempo.

EDUCAÇÃO PARA NOVAS COMPREENSÕES NAS CULTURAS DO DIGITAL

A pretensa liberdade de ação na Internet abre oportunidades para a aprendizagem autônoma e acrítica. Ao mesmo tempo, privilegia as formas enfáticas de propagação da desinformação, a manipulação comercial dos dados, a orientação dos desejos e anseios pessoais em mercadorias e o próprio posicionamento pessoal em relação aos temas que tangenciam os interesses de grupos de todos os tipos.

Mudanças na educação formal, em geral, legitimam práticas digitais com a mesma mentalidade com que tradicionalmente ensinam conteúdos e métodos. Com diferenciados procedimentos e técnicas buscam garantir nos estudantes o domínio no manejo de equipamentos e recursos digitais. A compreensão que prevalece é a de tecnologia como equipamento, como recurso e não como linguagem, como processo de informação, comunicação e gestão. Novos caminhos de organização curricular, como os propostos pela sigla STEAM, por exemplo, enfatizam as bases que irão garantir a expertise técnica dos aprendizes em determinados conteúdos e descuidam das condições essenciais de compreensão social e crítica dos processos interativos intensamente utilizados pelos usuários. A valorização da técnica secundariza e, em alguns casos até mesmo extingue

propostas reflexivas de compreensão e formação de valores, o conhecimento crítico e contextualizado do passado, a interpretação dos processos sociais e culturais que desencadearam nos momentos presentes.

A disseminação desenfreada das “fake news” e a compreensão das realidades das redes mostra o grande trabalho que se evidencia para a Educação – no sentido amplo do termo, para alcançar o ideal previsto no artigo 205 da Constituição Federal de 1988, que diz:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Consideramos, assim, que a Educação na cultura digital não se refere apenas aos processos desencadeados pelo ensino de conteúdos e formação técnica em todos os níveis. Ela requer a colaboração de todos os entes da sociedade em um mesmo propósito, ou seja, “o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Qualificação profissional, melhor dizendo, de acordo com os movimentos nacionais e transnacionais de cada cultura.

Diante das velozes mudanças culturais, sociais e pessoais, propomos uma nova abordagem educativa para a incorporação de valores, a compreensão crítica e contextualizada do passado, a resiliência, a capacidade de ser adaptável a interrupções e mudanças, que torne possível a cada pessoa



garantir sua formação sustentável e inclusiva.

Neste sentido, as relações entre a Educação e a sociedade recaem, necessariamente na compreensão da Cultura e, sobretudo, a nova Cultura Digital. Cultura resultante das práticas coletivas que as sociedades se utilizam para construir e manter suas relações com o passado, as formas vivenciais do presente e a preparação para o futuro. A cultura de cada um, da família, dos nossos envolvimento profissionais, pessoais e sociais. A cultura que permeia nossas interações e comunicações. Ao nos apresentarmos no digital, apresentamos também a cultura que nos identifica, a que mostra ao mundo nossas origens e identidades, valores e memórias.

EDUCAÇÕES E MEMÓRIAS NA CULTURA

Nossas memórias mais pessoais sempre foram mediadas por práticas culturalmente moldadas, apreendidas gradualmente e que se apresentam em nossos gestos, preferências, no que lembramos e o que esquecemos. Como agimos, comemos, pensamos, nossos hábitos e atitudes. As formas como lidamos com a realidade e com as pessoas são resultantes de nossas relações vivenciais. Formam a dimensão social e cultural das nossas lembranças. Nossas identidades e educações, no sentido lato do termo.

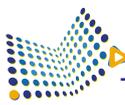
Nas redes, somos comunicadores e nos reunimos com cientistas, artistas, escritores, historiadores, jornalistas, políticos, religiosos... e todos os sujeitos conectados

para a produção de narrativas que buscam articular sentidos e visões particulares de momentos do passado e do presente. Por meio dessas expressões subjetivas, se manifestam memórias e identidades que constroem e reforçam lembranças, valores e identidades. Criam-se identidades. A memória cultural que identifica o nosso lugar no mundo.

Essas práticas de educação informal, que as sociedades tradicionalmente usam para construir e manter relações com o passado, vivendo o presente e se preparando para o futuro, se constituem como memórias culturais.

Até o século passado os padrões da memória na Cultura de um determinado grupo eram materializados e expressos pelo poder dominante. Assim, totens, monumentos, placas de rua, fotos impressas e outros artefatos que deveriam ser lembrados pela sociedade eram guardados, identificados e valorizados. Praças, centros culturais, museus, livros, imagens, peças musicais e muito outros ambientes sociais e culturais se referiam ao que precisava ser lembrado e se constituíam como “espaços de memória”. A simples apresentação ou lembrança de um pequeno fragmento desses ícones era capaz de recuperar o contexto representado.

Essas memórias oficiais assumidas culturalmente na educação, favoreceram a cristalização de “verdades”, que passaram a integrar as lembranças e o conhecimento sobre o passado da sociedade. Verdades estáticas e inquestionáveis, contadas pelas pessoas para as gerações mais jovens, temas de pinturas, tratados, contos e romances que se cristalizaram também nos textos apresentados



em livros escolares, como ícones da cultura socialmente valorizada.

A narrativa sobre a Independência do Brasil apresentada pela história oficial e reproduzida nas escolas, por exemplo, evidencia a manipulação da memória histórica e cultural do país. Em paralelo, muitas versões já apresentavam as questões submersas, ocultas, e que não eram consideradas na historiografia oficial presente nos livros escolares e que perdura.

A memória na cultura escolar transita na velocidade das definições e caminhos da política escolar, seus currículos, publicações oficiais, livros didáticos e práticas formativas.

As novas realidades postas pela cultura contemporânea do digital alteram significativamente essas relações de domínio e poder em relação ao conhecimento. Segundo Ferguson (2017), a acelerada transição de textos para imagens e vídeos e do teclado para a interface com voz é cada vez mais veloz. A alfabetização, ao final, deixará de ser uma barreira para a conectividade.

Estamos na atualidade, diante de novos desafios postos pelas condições da cultura digital. O ser ubíquo que vivenciamos é constituído em sua subjetividade por arquivos digitais autogestados e independentes.

REFLEXÕES PARA HOJE E OS PRÓXIMOS FUTUROS

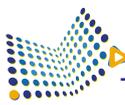
Temos muito para compreender neste processo de desvelamento e formação de nossas identidades nas relações entre as memórias e a cultura digital. Não temos ainda

respostas satisfatórias para questões velhas e novas que nos perseguem e dizem das relações com os nossos valores e as relações que desenvolvemos intensamente com pessoas e culturas transnacionais.

Precisamos compreender melhor nossas próprias culturas e diferentes visões de mundo, origens e tradições de povos distintos que se mesclam conosco em classes virtuais, relações de trabalho e de convivências próximas e remotas.

É urgente tomar conhecimento das desigualdades presentes em distintas realidades. Compreender a multiplicidade de culturas, historicamente definidas e socialmente ignoradas, que estão à nossa volta. Respeitar as diferenças e os valores de diversos grupos sociais que são objetos de dominação na atualidade. Povos exilados, migrantes, minorias que estão ao nosso redor, em todos os espaços que habitamos, virtuais ou não. Aprender a respeitar as diferenças que englobam suas mais diversas culturas e identidades, presentes no vasto espaço cibernético que vivemos.

Nessas relações se apresentam prioritariamente, no Brasil, com os grupos formadores de nossa identidade cultural e que são, na maioria das vezes, esquecidos e subestimados. Considerar na cultura a importância dos indígenas, dos negros, dos pobres, dos excluídos, das mulheres e das pessoas com as mais diversas orientações de gênero. Conhecer e respeitar a história de populações migrantes e seus valores culturais que se mesclam e contribuem para a reconstrução do que sempre chamaremos de cultura, em permanente atualização.



Compreender a cultura como construção histórica em permanente movimento e que inclui, aceita e acolhe pessoas de distintas origens e suas diversidades. Assumir que todos nós somos diversos. Temos histórias e memórias próprias e que, juntos, formamos a cultura e a memória do nosso povo.

Nesta cultura ampliada é importante garantir as melhores condições de acesso de qualidade de todos os brasileiros aos meios digitais mais avançados, educá-los para o uso adequado e consciente dessas relações e o seu “preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, como expressa nossa Constituição. No plano social, os processos de decisão sobre o que deve ser resgatado e preservado para gerações futuras e de que maneiras, nas artes, nos espaços urbanos, na literatura e em todas as manifestações que constituem ícones das nossas identidades como cultura, como Nação.

Essas e outras questões desafiam a Educação atual e futura. A importância da ação educacional ampla e, principalmente, a ação das escolas de todos os níveis para a construção nas novas gerações dos valores e identidades postas em nossa memória cultural, sempre em processo de atualização. Este não é um processo específico, uma temática a ser assumida por alguma área do conhecimento, com respostas simples e determinadas.

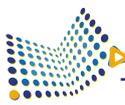
No diálogo, na interação e na comunicação educativa é possível visualizar múltiplos ângulos que subsidiem reflexões e mesmo decisões sobre os caminhos a seguir para colocar em pauta essas questões, a partir de distintas perspectivas - histórica,

tecnológica, política, econômica, artística, ambiental, comportamental, social, dentre outras. A construção da memória social dos nossos dias e dos próximos futuros é um compromisso de todos, em todas as áreas, um compromisso da Educação, de forma ampla e transnacional.

Não existe fórmula mais simples para encarar este desafio pela Educação do que o exercício permanente, exaustivo, integrado, competente da comunicação em espaços presenciais e virtuais. Comunicação como prática, no sentido proposto por Freire (1981), envolvendo diálogos, interações, cocriações, posicionamentos críticos e a compreensão e respeito ao outro, em seus mais diferenciados contextos e identidades.

A melhor compreensão está em entender que existem múltiplas possibilidades de interpretar o passado, memórias particulares da mesma cultura, vista por ângulos e contextos distintos, sem privilegiar umas, em detrimento das demais. Ao contrário, ao mixá-las crescemos. Ampliamos nossos horizontes e conhecimentos em diferenciadas perspectivas e diminuímos o lado xenofóbico das culturas, da ignorância e do dogmatismo.

A compreensão dessa diversidade de interpretações e suas origens amplia o universo do conhecimento e impulsiona a todos na busca, não de verdades selecionadas e impostas, mas de formas distintas de compreender e interpretar o passado. Negociações que avançam para a compreensão da atualidade, da complexidade do momento presente e as forças possíveis de orientar futuros caminhos, como pessoas, cidadãos e profissionais. Pois, como dizem



Tramontano, *et al.* (2017) “a memória não é estática, ela se constrói de forma contínua com o tempo, por vias plurais e conflituosas”.

A cultura digital favorece a compreensão da coexistência de distintas memórias, como formas particulares de representação do passado. Por mais contraditórias e contestadas, elas representam tradições e identidades que merecem ser conhecidas, compreendidas e investigadas.

Desafio gigante também para a Educação está na formação e criação futura, na era pós-digital, de aplicativos e profissionais decodificadores de documentos, ocultos em mídias ultrapassadas. Que esses decifreadores possam ser capazes não apenas de recuperar o conhecimento retido nessas memórias do passado, mas divulgar, analisar, buscar compreender e respeitar estes momentos anteriores de criação e suas diferenças. Mais do que as fugidias lembranças pessoais, a memória de cada espaço/tempo da Humanidade é importante como documentos e trajetórias da vida e da cultura do passado, do presente e dos próximos futuros.

REFERÊNCIAS

- Brasil. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 12 Dez. 2022.
- Ferguson, N. *A praça e a Torre*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil. 2017
- Floridi, L. *The Onlife Manifesto*. London/UK: Springer, 2015.
- Foerster, Y. *A carne: conceituando tempo e memória no mundo digital*. V!RUS. São Carlos. n. 15. 2017. [online] Disponível em: http://www.nomads.usp.br/virus/_virus15/?sec=4&item=1&lang=pt. Acesso em: 12 Dez. 2022
- Freire, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- Mill, D. (Org.) *Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de Educação a Distância*. Campinas: Papyrus, 2016.
- Lemos, A. *Dataficação da Vida*. Porto Alegre: PUCRS/Escola de Humanidades. CIVITAS. Revista de Ciências Sociais, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/75465597/Dataficação_da_vida Acesso em 12 Dez. 2022.
- Tramontano, M.; Soster, S. S.; Pratschke, A.; Tardivo, J. A.; Martins, M. J. S.; Pita, J. V. C. *A construção da memória vol.1*. (Editorial). V!RUS, São Carlos, n. 15, 2017. [online] Disponível em: http://www.nomads.usp.br/virus/_virus15/?sec=1&item=1&lang=pt. Acesso em: 12 Dez. 2022.